

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2016

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER NA SOCIEDADE MODERNA

Autor: Clarice Ivete Gamla¹

Orientadora: Valdeci Batista de Melo Oliveira²

RESUMO: Esse artigo sintetiza os resultados das ações realizadas na disciplina de Arte, durante a implementação da Produção Didático Pedagógica (PDP), do Programa de Desenvolvimento Educacional, Turma 2016 na Escola Estadual Olavo Bilac, Medianeira-PR, que teve como assunto a educação para a diversidade sexual e como tema a construção da identidade da mulher na sociedade contemporânea. Seu objetivo foi discutir na escola a imagem e o papel da mulher na sociedade à luz da concepção de cultura androcêntrica (BOURDIEU, 2002; FOUCAULT, 1998; 1999; 2005). O interesse provém da sentida necessidade de reflexão sobre o objeto de estudo no âmbito escolar como parte da assunção das políticas públicas da educação brasileira quanto às relações de gênero, sexualidade e diversidade sexual e preconceito racial. A organização da PDP firmou-se na concepção de universalização da escola pública, isto é, naquela que garante acesso, permanência e sucesso escolar para a diversidade dos sujeitos que nela estudam. Sua estrutura teve como base a pedagogia de projetos (NOGUEIRA, 2002) e análise do discurso (ORLANDI, 2009). A escolha dessa estrutura se deve à finalidade da PDP: oportunizar reflexões sobre concepções socioantropológicas e discursivas em torno do tema/assunto, objeto de estudo, por meio da docência compartilhada em diferentes disciplinas curriculares e, sustentada teoricamente pela metodologia de projeto. Julgamos que essa proposta foi promissora nos processos de ensino e de aprendizagem para contemplar o tema/assunto em tela. Assim como outros temas/assuntos orientados nas Diretrizes Curriculares sobre Gênero e Diversidade Sexual (PARANÁ, 2010).

Palavras-chave: Relações de Gênero. Sexualidade. Diversidade Sexual.

INTRODUÇÃO

Este artigo afigura-se como um relato da experiência discursiva vivida por docentes e estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental na implementação da Produção Didático Pedagógica (PDP) da disciplina de Arte em uma Escola de Educação Básica do sistema de ensino do Estado do Paraná, cujo objetivo foi discutir na escola a imagem e o papel da mulher na sociedade a partir da concepção de cultura androcêntrica com base em Bourdieu (2002).

¹ Professora da rede pública do Estado do Paraná. Email: <claricegamla73@gmail.com>.

² Professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Unioeste, campus de Cascavel. Email: valzinha.mello@hotmail.com.

A base teórica que sustentou a experiência discursiva na aula de Arte se firmou na concepção da infinitude do universo da linguagem artística, na sua forma mais simples de expressão, e se desenvolveu sustentada na teoria da Análise do Discurso que, segundo Orlandi (2009, p. 116), “supõe uma relação com a cultura, com a história, com o social e com a linguagem, que é atravessada pela reflexão e pela crítica”.

A concepção de Arte como linguagem, adotada na PDP, proveio da leitura de Bakhtin (2000, p. 279) e se sustenta em sua defesa de que todas as mais variadas formas de atividade humana sempre se relacionam com o uso da língua. “A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados, concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da comunicação humana”.

Ao longo de diversas práticas discursivas, e, especialmente em debates, vemos cada vez mais serem postas à baila idéias que giram em torno dos temas sexo, sexualidade, gênero, direitos sexuais, direitos das mulheres, feminicídio, misoginia e machismo dentre outros que sustentam a forma como se deu a construção social da identidade da mulher ao longo do processo civilizatório da humanidade no contexto da família e da sociedade patriarcal, ajustado à espacialidade do discurso (verbal e não verbal) que sustenta e põe em causa o patriarcalismo estão sendo postas muitas reflexões que envolveram a questão identitária do gênero na escola e no processo de ensino.

A discussão sobre a questão identitária do gênero na escola e no processo de ensino parte das reflexões de Louro (2000) e Bourdieu (2002) para quem a cultura androcêntrica ainda persiste na humanidade e mantém o primado da dominação masculina, que se já estavam presentes nos discursos dos filósofos da Antiga Grécia. A influência desse ideário que se diz neutro, mas que se funda nas desigualdades como diferenças ‘naturais’ busca apagar o caráter histórico construído da ordem social patriarcal e do discurso que o sustenta, sem conseguir esconder as implicações das relações e papéis sociais impostos aos homens e às mulheres. Afirma Bourdieu (2002, p. 20) que, na cultura androcêntrica, a diferença biológica entre os sexos é “justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho”. Arendt (1983) demonstra que na divisão do trabalho se pode verificar que a identidade da mulher foi historicamente construída.

Na escola, as desigualdades biológicas entre os sexos são percebidas como determinantes 'naturais'. No entender de Louro (2000), comumente, a escola trata gênero, sexo e sexualidade como sinônimos, padroniza um único modo, visto como adequado o que quer dizer e significar os constructos masculino e feminino, estabelecendo uma linha de continuidade de conceitos entre sexo (macho e fêmea) e gênero (masculino e feminino), o que determina a forma de viver a sexualidade, sendo esperado que a orientação sexual se direcione 'naturalmente' para o sexo oposto. Nesse contexto, expõe a autora, o olhar posto sobre os corpos dos sujeitos apenas ganha atenção quando se volta às questões de gênero e sexualidade.

Por fim, ao longo do artigo discorre-se sobre a caminhada de implementação da PIP e os resultados alcançados no desenvolvimento da prática docente. Esperamos sensibilizar outros educadores para as questões de machismo e da misoginia em torno das questões de gênero e do papel social da mulher ocupado pela mulher brasileira na atualidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Essa seção contempla reflexões teóricas sobre a construção de sentidos na linguagem das artes, e, na sequência, discutem-se conceitos relativos à diversidade sexual e construção da identidade da mulher na sociedade contemporânea.

Arte, Linguagem e seus sentidos

Como manifestação de cultura humana, a arte assume um papel fundamental na sociedade, pois é um instrumento com o qual o ser humano se comunica, representa de diversas maneiras a realidade a sua volta e atribui sentidos à vida social e pessoal. A arte, manifestada de diferentes formas, será a expressão dessa realidade. Assim como na linguagem, em especial a artística, há expressa diversos matizes de percepção de mundo. Essa visão não envolve apenas as experiências e vivências que o indivíduo teve no passado ou tem no presente, mas também a expressão de perspectivas para o futuro, de acordo com as interpretações e percepções que se tem da realidade, a ser expressada por meio dos signos culturais. Bakhtin (2000) explica o significado de expressão como sendo tudo aquilo que

[...] tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores. A expressão comporta, portanto, duas facetas: o conteúdo (interior) e sua objetivação exterior para outrem (ou também para si mesmo) (BAKHTIN, 2000, p.111).

O sentido de comunicação e expressão presente na obra de arte também encontra explicação em Eco (2001, p. 40). “Uma obra de arte é um objeto produzido por um autor que organiza uma seção de efeitos comunicativos de modo que cada possível fruidor possa recompreender [...] a mencionada obra, a forma originária imaginada pelo autor”. Na compreensão do autor, uma obra de arte acabada e concluída, “é também aberta, isto é, passível de mil interpretações diferentes, sem que isso redunde em alteração de sua irreproduzível singularidade”. O inacabado da obra dá à linguagem artística o significado de expressão discursivo-interacional.

A linguagem artística cumpre certo papel dentro do contexto cultural-sócio-histórico que se insere – marcado ideologicamente –, porque é pensada/elaborada por um sujeito em condições de produção específica que se dirige a outros sujeitos, que podem ou não estar inseridos no mesmo espaço-temporal enunciativos. O sujeito que possui meios para compreender o conteúdo presente nessa linguagem estabelece com ela uma relação discursiva e interacional. Essa relação é afetada por questões, cuja compreensão supera a materialidade da língua(gem), ou seja, sua forma de registro, seus códigos convencionais (convencionados).

No entender de Bakhtin/Volochinov (2002, p. 118-9), é pela ideologia do cotidiano que a relação discursiva e interacional persiste temporalmente. Os autores denominam de ideologia do cotidiano o “domínio da palavra interior e exterior desordenada fixada no sistema social da língua, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência”. Há, então, uma relação temporal da obra que se associa ao vínculo orgânico e ininterrupto estabelecido com a ideologia do cotidiano. Assim, “[...] rompido este vínculo, ela cessa de existir, pois deixa de ser apreendida como ideologicamente significante”.

Nesse sentido, há uma implicação direta da ideologia do cotidiano com a linguagem artística. Nas palavras de Bourdieu e Darbel (2003), quando considerada apenas como bem simbólico, a obra de arte não existe a não ser para quem detenha os meios de se apropriar dela, ou seja, existe apenas para quem seja capaz de decifrá-la. A relação ideologia do cotidiano e simbolismo é determinante em obras de

arte, razão que explica porque algumas delas estabeleceram vínculos ininterruptos e se tornaram bens simbólicos capazes de retratar o longo processo civilizatório da humanidade. São as obras que Eco (2001) define como de legibilidade atemporal.

Faz-se oportuno entender que, para certa sociedade e época, a legibilidade de uma obra de arte depende da diferença entre o código artístico objetivamente exigido pela obra e o código como instituição historicamente constituída. Daí porque, explicam Bourdieu e Darbel (2003), a percepção da obra pelo sujeito não reside no código artístico, mas acontece como experiência cotidiana que lhe permite reconhecer o objeto apresentado a partir de significações primárias e secundárias. Nas significações primárias, conforme os autores, o sujeito aprende o significado de conceitos demonstrativos que designam propriedades sensíveis da obra ou a experiência emocional suscitada por elas. Quando o sujeito apreende o código por meio da educação familiar ou institucionalizada adquire competência artística e passa a ter percepção de obras de arte pelas significações secundárias; pelos conceitos caracterizantes e estilísticos da obra que lhe dão significado. Para os autores, a forma ideal de aprendizagem, de apropriação de conhecimento, pressupõe uma aquisição imperceptível, inconsciente, difusa e total dos sistemas simbólicos da arte, os quais revelam sua discursividade.

Nesse particular, Navas (2008, p. 5) entende que a discursividade da linguagem artística se funda, por exemplo, na intenção de imprimir um “traço que permita o transporte para outras fronteiras do aqui e agora, do concomitante, apontando-se para o passado e futuro, preconizando, dentro de um registro poético do tempo, uma separação entre ‘pré-história’ e uma das histórias possíveis”. É, pois, nessas discursividade que se buscou a compreensão de alguns significados impressos nas produções dos estudantes realizadas na implementação da PIP.

Gênero, Sexo, Sexualidade e Poder

As características anatomofisiológicas definem o sexo (macho ou fêmea) na biologia e medicina, por exemplo. Já os conceitos de gênero e sexualidade são encontrados nas áreas da sociologia, filosofia, psicologia, direito, antropologia e multiculturalismo. Foucault (1999) entende a sexualidade como dispositivo de poder, que não se concentra em um único ponto da sociedade, mas permeia toda ela. Para o autor, não há repressão sexual, o que há é o sexo proibido e escondido só para ser incitado e incessantemente revelado.

Na visão da antropologia, o sexo nunca foi desconhecido para os seres humanos; sempre esteve junto à humanidade ao longo de seu processo civilizatório. Mas, a civilização moderna colocou o sexo como dispositivo transformado em sexualidade. Nesse dispositivo, explica Foucault (1999), o sexo acaba por ser um ponto denso das relações de poder na sociedade contemporânea, transformando-se em objeto histórico gerado pelo dispositivo da sexualidade, a qual é abordada no âmbito do discurso científico sob um prisma nunca pensando.

O conceito de gênero pode ser abstraído na afirmativa de Bourdieu (2002, p. 156) de que “o corpo biológico socialmente modelado”, sobretudo, é “um corpo politizado, ou se preferimos, uma política incorporada”. Esse corpo submete-se à cultura androcêntrica do mundo. Os princípios fundamentais dessa cultura “são naturalizados sob a forma de posições e disposições elementares do corpo que são percebidas como expressões naturais de tendências naturais”. Nessa afirmativa, pode-se entender o corpo biológico como espaços, nos quais as desigualdades entre os sexos – no âmbito da ideia de dominação masculina – são de todo naturalizadas. Nesse recorte, o autor reafirma sua concepção de que gênero só pode ser definido como construção social, histórica e cultural das diferenças entre os sexos, sendo um conceito relacional que se inscreve em uma relação de poder (simbólico), posto na mútua oposição ao que é masculino e ao que é feminino, cujos conceitos são definidos com base nas características anatomofisiológicas próprias da espécie humana.

A partir dessas concepções é possível se explorar a ideia de sexualidade como ‘fato social’, conduta fundante da identidade do indivíduo construída a partir do corpo, cujo controle desse mesmo corpo é parte constitutiva do exercício de dominação, de poder. Para Foucault (1999) e Bourdieu (2002), entende-se sexualidade efetivamente como uma invenção histórica. No âmbito do corpo e da sexualidade, as formas como se dão as relações de poder podem ser problematizadas e exploradas cientificamente, como: as diferenças étnicas, de orientação ou de identidade sexual e as múltiplas identidades de gêneros.

Retoma-se ao conceito de gênero como categoria analítica, à luz de Scott (1995), para olhar a história das mulheres, das relações entre homens e mulheres, homens entre si e mulheres entre si, a fim de encontrar aspectos das desigualdades e das hierarquias sociais que determinaram a construção social da identidade da mulher no contexto da família e da sociedade em geral. Nessa discussão, a autora

contribui com sua concepção de gênero como “elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos”, sendo assim entendido, gênero seria um modo de dar significado às relações de poder.

Poder esse que se estabelece na espacialidade do discurso (verbal e não verbal) da mídia – concebida como agente de veiculação da imagem fragmentada (ou que fragmenta a) –, que dá contornos à identidade da mulher na sociedade atual e que estabelece significados à autorrealização identitária da mulher. É, também, na espacialidade do discurso do mundo do trabalho, do labor, como quer Arendt (1983), que se descortina a identidade da mulher na sociedade, assim também é na espacialidade do discurso da escola que se encontra a identidade da mulher. Tal como afirma Louro (2000), não há apenas um corpo (macho ou fêmea) na escola, há, sobretudo, uma identidade de gênero e sexualidade.

METODOLOGIA DO ESTUDO

Para dar conta dos objetivos da PDP, optou-se por dois procedimentos metodológicos: a análise do discurso (ORLANDI, 2009) para as discussões sobre as concepções socioantropológicas em torno de subtemas imbricados no objeto de estudo e balizadores da base teórica; e a pedagogia de projetos (NOGUEIRA, 2002) na estruturação de práticas pedagógicas interdisciplinares desenvolvidas no contexto escolar, centradas na premissa da universalização da escola pública, acessível a todos os estudantes independentemente de gênero.

A PDP na Escola Estadual Olavo Bilac, 9º ano do Ensino Fundamental, estando de acordo com o Projeto Político Pedagógico dessa instituição, seguiu orientações da gestão escolar e princípios norteadores das Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná, DCE, disciplina de Arte (PARANÁ, 2008), e DCE de Gênero e Diversidade Sexual (PARANÁ, 2010).

O Quadro 1 resume a distribuição do tempo e a realização dos encontros com professores e docência compartilha com os estudantes. A leitura desse quadro revela que, na implementação do PIP, foram realizadas dezesseis (16) horas-aula de atividades com professores e trinta e um (31) horas-aula de docência compartilha interdisciplinar com alunos, totalizando trinta e sete (37) horas-aula de atividades.

Quadro 1 – Período de implementação da proposta de intervenção pedagógica

Público-Alvo	Mês	1ª Semana	2ª Semana	3ª Semana	4ª Semana
Professores	Fevereiro	-	-	-	4horas-aula
Alunos		-	-	-	2horas-aula
Professores	Março	2horas-aula	-	2horas-aula	-
Alunos		2horas-aula	2horas-aula	2horas-aula	2horas-aula
Professores	Abril	2horas-aula	-	2horas-aula	-
Alunos		2horas-aula	2horas-aula	2horas-aula	2horas-aula
Professores	Maio	2horas-aula	-	-	-
Alunos		2horas-aula	2horas-aula	2horas-aula	2horas-aula
Professores	Junho	-	1horas-aula	-	-
Alunos		-	1horas-aula	1horas-aula	1horas-aula
Professores	Julho	1horas-aula	-	-	-
Alunos		2horas-aula	-	-	-

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

O trabalho com projetos na disciplina de Arte, relativo à implementação da PIP, desenvolvido na docência compartilhada na turma-alvo, alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, turno matutino, ocorreu entre fevereiro a julho em 2017.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na organização das ações e práticas desenvolvidas com estudantes por meio da docência compartilhada com professores da turma-alvo, com vistas à implementação do PDP, optou-se pela perspectiva cultural, antropológica, sociohistórica, crítica e discursiva para abordar, em três momentos distintos, o objeto de estudo: diversidade sexual e construção da identidade da mulher na sociedade contemporânea.

No primeiro momento, propôs-se que a cultura androcêntrica viabilizou a concepção de mundo visto a partir dos valores masculinos, com nítida segregação da mulher, que, historicamente, foi reduzida ao desempenho de papéis ligados à vida doméstica (nutrição, procriação e repouso, ciclo vital, ou ciclo fisiológico). Mas, no século XVIII houve sua inserção no mercado de trabalho como mão de obra barata, desqualificada e semialfabetizada (ou não alfabetizada). Daí, então, a mulher assumiu parte do provimento da família e passou a lutar por melhoria das condições de vida e trabalho, participação política, busca por instrução e igualdade de direitos. De lá para cá, mudaram suas condições sócio-histórico-cultural-política, ainda assim, o célebre jargão “lugar de mulher é na cozinha” continua a dar vazão à razão

androcêntrica. Esse momento, firmado em Arendt (1983) e Scott (1995), permeou reflexões sobre as categorias – labor, trabalho e ação –, base da conduta humana.

No segundo momento, o objeto de estudo foi abordado sob uma perspectiva de categoria ‘gênero’ na tentativa de mostrar que as relações entre os sexos têm origem no processo de construção da sociedade, no seio da qual se abriga a escola. Então, não seria de se estranhar que, na escola, as meninas fossem (ainda sejam) estimuladas a serem dóceis e amáveis, esposas e mães afetuosas, ao contrário dos meninos, sensibilizados para desempenhar o papel de heróis fortes e invencíveis. Essa abordagem contemplou, brevemente, o suporte legislativo nacional, com especial atenção à Lei Maria da Penha, de 2006, e Lei do feminicídio, de 2015.

No terceiro momento, ao se conceber que a escola desempenha dupla função formadora – intelectual e social de meninos e meninas –, sustentada em Louro (2000), abordou-se o objeto de estudo como possibilidade de desconstrução do modelo (masculino e feminino) idealizado na concepção da cultura androcêntrica. Nesse momento, a partir da concepção de Scott (1995), alargou-se a perspectiva de discussão sobre a temática e se posicionou o gênero como categoria analítica útil à história da humanidade e não apenas à história das mulheres.

A reunião desses três momentos configurou a Produção Didático-Pedagógica da professora PDE, organizada em sete (7) encontros de docência compartilhada com professores das disciplinas curriculares de História, Língua Portuguesa e Língua Estrangeira Moderna, Inglês, e treze (13) encontros de efetiva docência da professora PDE na disciplina de Arte. Porém, na implementação da PDP foram acrescentados mais dois (2) encontros com objetivo de incentivar a participação dos estudantes da turma-alvo na realização da primeira etapa, em julho, do *Projeto Interdisciplinar Semana Cultural e Desportiva* instituído na Escola.

Os dois primeiros encontros de docência compartilhada (1º e 2º) tiveram por objetivo estimular os professores a olhar uma obra de Arte com criticidade, isto é, ver além da imagem e da técnica usada pelo artista em sua produção. Os dois encontros seguintes (3º e 4º) buscaram estimular os participantes a compreender a arte como ideologia e fator de transformação social por meio do desenvolvimento de sua capacidade visual e de todos os seus sentidos para realizar uma observação crítica e uma análise descritiva e discursiva. Os quatro últimos encontros (5º, 6º, 7º e 8º) incentivaram a produção de trabalhos em artes visuais e outras expressões da

linguagem artística (poemas, canções, paródias) com o propósito de colocar o sujeito em atuação diante da realidade singular e sociocultural do país.

Os objetivos norteadores da docência compartilhada foram contemplados na implementação da PDP da professora PDE, em sua prática docente na disciplina de Arte, em treze (13) unidades didáticas, cujo tema/assunto/abordagens são descritos no Quadro 2, assim como os conceitos avaliativos adotados.

O resultado quantitativo da prática docente, na visão dos estudantes da turma-alvo, pode ser retirado da leitura do Quadro 2: se o X é registrado em apenas um conceito avaliativo indica percentual de respostas acima de 50% (>50%). Se há registro do X em dois conceitos avaliativos indica percentual de respostas igual a 50% em ambos os temas/assuntos/abordagens (=50%). Se há registro do X em três ou quatro conceitos indica percentagens iguais entre tema/assunto/abordagens.

Na leitura desse Quadro, nota-se que a prática pedagógica desenvolvida no 4º encontro foi a que despertou menor interesse entre os estudantes da turma-alvo, uma vez que foi avaliada com conceitos “Ruim” e “Bom” (R=B=50% cada um). Ao contrário, as práticas que estimularam a participação desses estudantes foram àquelas realizadas em quatro encontros (5º, 6º, 9º e 10º), avaliadas com os conceitos “Muito Bom” e “Ótimo” (MB=O=50% cada um). As práticas pedagógicas com auxílio de *software* (11º e 12º encontros) receberam, unanimemente, o conceito “Ótimo”, o que pode ser indicativo da familiaridade desses estudantes com o uso das novas tecnologias educacionais, incentivado nas DCEs (PARANÁ, 2008; 2010).

Uma das razões que justifica o baixo conceito atribuído à prática desenvolvida no 4º encontro pode estar associada ao requerimento para a leitura de diferentes gêneros textuais. Nota-se que o conceito “Ruim” também aparece nas práticas de leitura do gênero quadrinho (2º encontro), gênero poema (3º encontro) e gênero jurídico (6º encontro). A discursividade de um aluno dessa turma-alva é bastante expressiva: “[...] na aula de Arte não tem que lê, tem outras coisas pra fazer”. Essa discursiva, em hipótese, também serve para justificar o predomínio dos conceitos “Muito Bom” e “Ótimo” entre as atividades que estimulavam a prática de variadas produções, expressas em diferentes linguagens da arte.

Quadro 2 – Avaliação da proposta de intervenção pedagógica

Encontro	Tema/Assunto/Abordagem	Avaliação (Conceito)*			
		R	B	MB	Ó
1º	Apresentação da Produção Didático-Pedagógica e das telas A		X	X	X

	<i>primavera e Eco e Narciso</i> , discussão sobre leitura de imagens.				
2º	Leitura <i>online</i> da história em quadrinho <i>Pão e Rosas</i> e de conceitos presentes nas DCE/2010	X	X	X	X
3º	Leitura do poema <i>Pão e Rosas</i> e comparação com de imagens com a história em quadrinho	X	X	X	
4º	Leitura do texto <i>Década de 1920: os anos loucos</i> e outros conceitos presentes nas DCE/2010	X	X		
5º	Leitura da imagem da tela <i>Lavadeira</i> e grafiteagem sobre proteção da água.			X	X
6º	Listagem de expressões machistas e feministas, análise e interpretação de texto sobre direitos das mulheres.	X	X	X	X
7º	Análise de opinião sobre a imagem/figura da mulher na mídia, tela <i>Mulheres Facetadas</i> , direitos das mulheres.		X		X
8º	Recorte/colagem, sobreposição de imagens e painéis sobre papéis e significado da mulher na mídia.		X	X	X
9º	Análise da letra e música <i>Mulheres de Atenas</i> , de Chico Buarque, observação da vida real das mulheres que vivem no cotidiano de cada aluno.			X	X
10º	Produção de tiras humorísticas sobre a vida real das mulheres, conquistas e o que precisam conquistar.			X	X
11º	Manipulação de imagem, <i>software</i> Gimp, a partir das tiras criadas no encontro anterior.				X
12º	Manipulação de imagem em telas de Di Cavalcanti com fotografias dos rostos de meninos(as) da turma-alvo, Gimp.				X
13º	Produção de uma charge coletiva sobre expressões 'machistas' e 'feministas' a partir da leitura de telas de Di Cavalcanti.		X	X	

* Conceitos avaliativos: R (Ruim), B (Bom), MB (Muito Bom) e O (Ótimo).

Fonte: Elaborado pela autora (2017).

Mediante o objetivo principal da PDP, ou seja, discutir na escola a imagem e o papel da mulher na sociedade a partir da concepção de cultura androcêntrica buscou-se nas produções artísticas dos estudantes da turma-alvo, em especial, àquelas elaboradas durante as aulas de Arte, indícios da presença dessa cultura.

Em uma leitura atenta sobre tais produções, ainda que a cultura androcêntrica se fez presente, não se observou expressões que denunciassem forte diferenciação de papéis definidos na escola para meninos(as), sequer o uso de expressões genuinamente 'machistas'. Algumas dificuldades manifestas pelos estudantes foram percebidas, especialmente, em relação ao emprego de tecnologias, à compreensão do tema e seus subtemas abordados em sala de aula, facilidade para a dispersão e pequenos conflitos surgidos na apreciação da obra de arte proposta pela docente ou na exposição das produções da turma-alvo no mural da sala ou do corredor da Escola. Em alguns momentos foi necessária a intervenção da docente na resolução dos conflitos a fim de que a diversidade de opinião fosse respeitada.

O que mais chamou a atenção nas produções dos estudantes dessa turma-alvo foi o resultado do trabalho com manipulação de fotografias (12^o encontro). A integração entre eles(elas) e o olhar de curiosidade e de encantamento posto sobre a produção do(a) colega foram dignos de registro. Individualmente, cada olhar sobre a produção resultante parecia que, com o auxílio do *software*, que cada um(a) deles(as), utopicamente, detinha o poder de criar uma nova pessoa (a idealizada).

Exceto raros casos, observou-se que as fotografias manipuladas preservaram características típicas dos sexos (macho e fêmea) e expressaram alguns atributos que caminhavam, em hipótese, ao conceito de sexualidade. Entre as meninas, comumente, os meninos da turma foram apresentados com penteados (topete moicano), acrescentavam-lhes bigodes, barba, óculos, *piecing* na orelha, chapéu ou boné (em geral com uma grife conhecida). As meninas receberam tonalidade nos lábios (em geral, vermelho), flores no cabelo, óculos, brincos nas orelhas, *piecing* no nariz, além de outros atributos que o *software* possibilitava.

Porém, essa caracterização, em certa medida, ingênua, vista nas fotografias manipuladas por meninos e meninas da turma-alvo, nada se parece com o resultado da atividade de recortes, colagens e sobreposição de imagens e painéis sobre papéis para traduzir o significado da mulher na mídia (8^o encontro). A figura-base retirada da mídia pelos estudantes, isto é, a partir da qual seriam sobrepostas imagens, era sempre representada por uma 'celebridade' nacional ou internacional, predominantemente do campo da música, esporte e arte cênica (de novelas). Nas sobreposições de imagens sobressaía uma mulher sensual, *a poderosa, a sexy*, como afirmou um aluno. Na análise dessas sobreposições fica evidente a imagem da mulher construída pela mídia contemporânea: a mulher que aflora sexualidade. O resultado dessas produções leva a confirmar a assertiva de Bourdieu (2002), para quem a sexualidade efetivamente é vista como uma invenção histórica.

As discussões em sala de aula em torno dos papéis definidos socialmente para homens e mulheres e da construção social da identidade da mulher ao longo do processo civilizatório da humanidade no contexto da família e sociedade em geral, revelam que a discursiva predominante se encaminha para o sentido de que compete à mulher "cuidar" da prole. Mas, contraditoriamente, essa mesma mulher-mãe precisa trabalhar fora do lar para contribuir com o sustento da família. Notou-se que alguns estudantes da turma-alvo vivem em famílias em que a mulher é a única provedora, ou porque o pai está desempregado, ou porque não reside na casa, ou

porque não reconheceu a paternidade, ainda, assim, um estudante que vive uma dessas situações afirmou: *“a mãe é que tem que cuidá da casa, dos filhos, o pai não tem nada a ver”*. Ao explorar essa discursiva no contexto da sala de aula, ante as vozes desses estudantes, chega-se a conclusão de que a mulher-mãe é vista por eles como responsável pelo desempenho da dupla função (mãe e trabalhadora) e a ela não compete requer ação colaborativa dos demais membros da família. Interessante observar que, em nenhum momento, a mulher-mãe foi colocada no papel de esposa ou companheira do homem. Eis, pois, o retrato da cultura androcêntrica que dá contornos aos papéis femininos contemporaneamente.

Oportuno registrar que essa temática dividiu a turma-alvo em dois grupos: meninas de um lado e meninos do outro, o que abriu espaço para introduzir uma discussão sobre direitos da mulher brasileira e atribuição de uma tarefa para ser realizada em casa: observar como vivem as mulheres da sua família e da comunidade em que mora; verificar suas conquistas e anotar sugestões sobre o que ainda precisam conquistar. Dos relatos dos estudantes sobre a observação da vida real das mulheres da família e da comunidade de vivência resultaram preciosas tiras humorísticas que revelam, sobretudo, a face identitária dessas mulheres. Longe da figura sensual que aparece na mídia e nas produções sobrepostas da turma-alvo, as mulheres presentes na discursiva das tiras elaboradas pelos estudantes, parecem encontrar na força do trabalho suas reais identidades de mulher: mãe, trabalhadora.

Entre as atividades desenvolvidas com os estudantes da turma-alvo, importa registrar, também, as produções resultantes das práticas interdisciplinares realizadas pelos professores partícipes da docência compartilhada, Trata-se daquelas (poesias, paródias, música, murais expositivos, pesquisa de campo e outras) que chamaram a atenção de outros estudantes e professores da instituição educativa, o que motivou a extensão de algumas ações da PDP. O encantamento despertado na realização dessas ações resultou a exposição do material elaborado durante as aulas de Arte, Língua Portuguesa, História e Língua Estrangeira Moderna – Inglês com acesso facilitado para toda comunidade escolar.

Além disso, é oportuno registrar que a temática sobre a construção da identidade da mulher na sociedade moderna, contemplada na PIP, motivou convite à professora PDE para entrevista no “Programa 40 minutos” (TV Interativa local) em homenagem ao Dia Internacional da Mulher (8 de março), convite para proferir

palestras para professores da rede estadual de ensino e para estudantes do Centro Estadual de Educação Básica de Jovens e Adultos (CEEBJA), Medianeira-PR.

Outros resultados devidos à implementação da PIP surpreenderam, não pela imprevisibilidade, mas, sobretudo, pelo conteúdo que revelaram desrespeito aos direitos da mulher moderna. Trata-se de dois depoimentos que emergiram nas reflexões sobre os direitos da mulher moderna em torno do arcabouço legislativo nacional: uma professora revelou ter sofrido abusos psicológico e sexual durante sua adolescência e uma estudante da turma-alvo que, ao sentir-se encorajada pela dinâmica da sala de aula, revelou à equipe pedagógica da Escola Estadual Olavo Bilac que sofria, constantemente, abuso sexual e agressão física, praticados por familiares, o que, segundo a Lei Maria da Penha, caracteriza violência doméstica. Essa última revelação motivou ações por parte da referida equipe junto ao Conselho Tutelar Municipal que formalizou denúncia à Delegacia da Mulher.

No espaço desse relato não cabem comentários sobre possíveis desfechos das providências tomadas para a garantia de direitos em cada caso. Porém, diante da violência contra mulheres (especialmente, adolescentes), resta pensar que a legislação nacional, principalmente, a Lei Maria da Penha em seus onze anos de vigência não se mostra eficaz para conter a violência doméstica contra mulheres, sequer a prática de homicídios, o que, certamente, consubstanciou a criação, em 2015, de nova norma legislativa para tratar especificamente do feminicídio. Daí, então, há que se concordar com Scott (1995) que os efeitos da visão androcêntrica (definida por Bourdieu, 2002), são, essencialmente, nocivos à sociedade, impedindo-a de avançar rumo a uma sociedade mais igualitária e justa. Concorda-se com a autora que, mesmo diante de conquistas das mulheres em vários campos do conhecimento e legislativo, ainda, é gritante a diferença das relações de poder entremeada na noção de gênero (homem e mulher). Essa diferença é que, em certa medida, contribui para o desrespeito dos direitos das mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo teve por objetivo relatar, em síntese, os resultados das práticas docentes realizadas durante a implementação da PDP, da professora PDE, disciplina de Arte, na Escola Estadual Olavo Bilac, Medianeira-PR. Tendo como assunto a educação para a diversidade sexual e como tema central a construção da

identidade da mulher na sociedade moderna, o objetivo da PDP foi discutir na escola a imagem e o papel da mulher na sociedade à luz da concepção de cultura androcêntrica.

O interesse pela elaboração e implementação da PDP proveio da sentida necessidade de reflexão sobre o objeto de estudo, no âmbito escolar, como parte da assunção das políticas públicas da educação brasileira que orientam práticas educativas em torno das relações de gênero, sexualidade e diversidade sexual e preconceito racial. Sua organização firmou-se na concepção de universalização da escola pública e sua estrutura teve como base a pedagogia de projetos e análise do discurso, sustentadas, respectivamente, em Nogueira (2002) e Orlandi (2009). A escolha dessa estrutura se deve à finalidade da PIP que se propôs a olhar sobre os corpos de meninas e meninos que, em paráfrase da discursiva de Louro (2000), somente ganham atenção e se tornam minuciosos quando esse olhar se volta para as questões de gênero e sexualidade.

No âmbito escolar, a implementação da PDP, tanto na disciplina de Arte como na docência compartilhada com outras disciplinas curriculares, oportunizou práticas docentes que, além de despertar a sensibilidade do olhar do observador em direção a uma obra de arte, conduziu à discussão/reflexão sobre o tema/assunto eleito. O encaminhamento dessa discussão/reflexão possibilitou maior integração entre os estudantes da turma-alvo e, sobretudo, despertou um encantamento que se revelava à medida que se realizavam as práticas pedagógicas propostas, algumas das quais realizadas com mais ou menos encantamento.

Contudo, algumas dificuldades tiveram que ser superadas para o êxito da PDP, como, por exemplo, àquelas associadas ao uso das tecnologias educacionais e o dispare conhecimento apreendido pela turma, quando vista como um todo. Tal disparidade, sobretudo, levou a produções (discursivas ou plásticas) menos elaboradas e à necessidade de intervenção da docente para que as opiniões e as individualidades artísticas fossem respeitadas.

Observou-se, por fim, que a prática interdisciplinar resultou favorecida. A expressão maior dos resultados dessa prática ocorreu durante a realização da primeira etapa do *Projeto Interdisciplinar Semana Cultural e Desportiva*, criado na Escola em 2017. Nesse evento, percebeu-se que houve mudança de atitude de professores, especialmente, por aqueles que resistiram na composição do grupo de profissionais para a docência compartilhada.

Dessa percepção, pode-se concluir que a docência compartilhada com a participação de diferentes disciplinas curriculares, sustentada teoricamente pela metodologia de projeto, revela-se promissora nos processos de ensino e de aprendizagem que contemplam abordagens relativas às Diretrizes Curriculares de Gênero e Diversidade Sexual (PARANÁ, 2010).

Ora, se a construção discursiva em torno do que é ser masculino e do que é ser feminino estabelece uma linha de continuidade dos conceitos entre sexo (macho e fêmea) e gênero (masculino e feminino), o que, por conseguinte, determina a forma do indivíduo de viver sua sexualidade (LOURO, 2000), e que tais conceitos se afiguram, sobretudo, como construção social, histórica e cultural (BOURDIEU, 2002), a escola como instituição formadora (formação intelectual e social) precisa, sim, incluir em suas práticas docentes interdisciplinares abordagens que contemplem o tema/assunto, objeto de estudo dessa PDP.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense, 1983.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich; VOLOCHINOV, Valentin Nikolayevich. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 9. ed. São Paulo: Editora Hucitec Annablume, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Tradução de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. In ORTIZ, Renato (org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água. 2003.

BOURDIEU, Pierre. DARBEL, Alain. **O amor pela arte. Os museus de arte na Europa e seu público**. São Paulo: USP/Zouk. 2003.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 13.104**, de 9 de março de 2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei no 2.848/1940 – Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da **Lei nº 8.072/1990** para incluir o feminicídio no rol dos crimes. Brasília, DF: CC, 2015.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 11.340**, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Lei Maria da Penha. Brasília, DF: CC, 2006.

DI CAVALCANTI, Emiliano Augusto. Vida e obra. In: REINHEIMER, Patrícia. **Identidade nacional como estratégia política**. *Mana*, v. 13, n. 1, p. 153-79, 2007.

ECO, Umberto. **Obra aberta**: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. I: a vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade III**: o cuidado de si. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. In: **Educação & Realidade**, v. 25, n. 2, 2000.

NAVAS, Cássia. Dança: escritura, análise e dramaturgia. In **Anais** do II Congresso da Abrace (Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas) Salvador: UFBA. 2002.

NOGUEIRA, Nilbo R. **Pedagogia dos projetos**. São Paulo: Ática, 2002.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares da educação básica**: arte. Curitiba: SEED, 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares de gênero e diversidade sexual**. Curitiba: SEED, 2010.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Tradução Christine Rubino Dabat e Maria Betânia Ávila. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre, RS, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez, 1995.